

Parte primeira

O desafio de educar pela pesquisa na educação básica

I. Pressupostos

A proposta de educar pela pesquisa tem pelo menos quatro pressupostos cruciais:

- *a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica,*
- *o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa,*
- *a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno,*
- *e a definição de educação como processo de formação da competência histórica humana¹.*

1. O que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos é *o fazer-se e refazer-se na e pela pesquisa*. A própria vida como tal é um espaço naturalmente educativo, à medida que induz à aprendizagem constante, burila a tempera das pessoas, forma no sofrimento e na experiência acumulada. A família, mais do que ninguém, educa todo dia e toda hora, sendo a instância mais responsável pelas condições de emancipação dos filhos. A roda de amigos, a reunião no bar, o ambiente de trabalho etc., também são lugares possivelmente educativos. Entretanto, todos esses espaços e agentes educam através de outros expedientes que não seja a pesquisa. Podem recorrer a ela ocasionalmente, mas não como propriedade específica, como seria o caso da escola.

Pretendemos, assim, manter a proposta de que a base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, ou o ambiente de socialização, ou a

¹ Para acompanhar esta discussão, cf. DEMO, 1991, 1993, 1994, 1995a, 1995c, 1986; SILVA, 1992.

ambiência física, ou o mero contato entre professor e aluno. Desde logo, para a pesquisa assumir este papel, precisa desbordar a competência formal forjada pelo conhecimento inovador, para alojar-se, com a mais absoluta naturalidade, na qualidade política também. Não basta a qualidade formal, marcada pela capacidade de inovar pelo conhecimento. É essencial não perder de vista que conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, carece ainda orientar-se pela ética dos fins e valores.

1 educação pela pesquisa é a educação tipicamente escolar

2 o questionamento reconstrutivo, com qualidade formal e política, é o cerne do processo de pesquisa

3 pesquisa deve ser atitude cotidiana, no professor e no aluno

4 educação é o processo de formação da competência humana histórica

Tendo-se tornado cada vez mais evidente a proximidade entre conhecer e intervir, porque conhecer é a forma mais competente de intervir, a pesquisa incorpora necessariamente a prática ao lado da teoria, assumindo marca política do início até o fim (PAIVA, 1994; MELLO, 1993). A marca política não aparece apenas na presença inevitável da ideologia, mas sobretudo no processo de formação do sujeito crítico e criativo, que encontra no conhecimento a arma mais potente de inovação, para fazer e se fazer oportunidade histórica através dele. Neste sentido, a cidadania

que se elabora na escola não é, por sua vez, qualquer uma. Pois é especificamente aquela que sabe fundar-se em conhecimento, primeiro para educar o conhecimento, e, segundo, para estabelecer com competência inequívoca uma sociedade ética, mais equitativa e solidária.

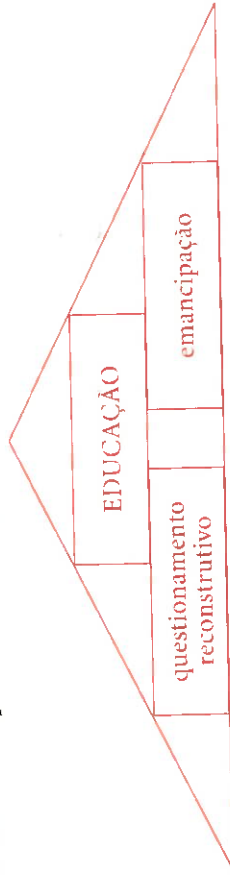
A aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento (PENIN, 1994; VASCONCELLOS, 1995). É equívoco fantástico imaginar que o “contato pedagógico” se estabeleça em ambiente de repasse e cópia, ou na relação aviltada de um sujeito copiado (professor, no fundo também objeto, se apenas ensina a copiar) diante de um objeto apenas receptivo (aluno), condenado a escutar aulas, tomar notas, decorar, e fazer prova. A aula copiada não constrói nada de distintivo, e por isso não educa mais do que a fofoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate-papo numa festa animada.

O contato pedagógico escolar somente acontece, quando mediado pelo questionamento reconstrutivo. Caso contrário, não se distingue de qualquer outro tipo de contato.

Onde não aparece o questionamento reconstrutivo, não emerge a propriedade educativa escolar. Entretanto, não se pode reduzir o questionamento reconstrutivo à simples competência formal da aprendizagem, mas é crucial compreendê-lo como processo de construção do sujeito histórico, que se funda na competência advinda do conhecimento inovador, mas implica, na mesma matriz, a ética da intervenção histórica. Será mister desenvolver a face educativa da pesquisa, também para não restringi-la a momentos de acumulação de dados, leituras, materiais, experimentos, que não passam de insumos preliminares. A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstrói pelo questionamento sistemático da realidade. Incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores.

Não é possível sair da condição de objeto (massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho de mudança. Aí

surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida aí fora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. Nesse horizonte, pesquisa e educação coincidem, ainda que, no todo, uma não possa reduzir-se à outra. Nenhum fenômeno histórico é mais característico do questionamento reconstrutivo do que o processo emancipatório, não apenas em seu ponto de partida, mas principalmente como marca permanente do processo.

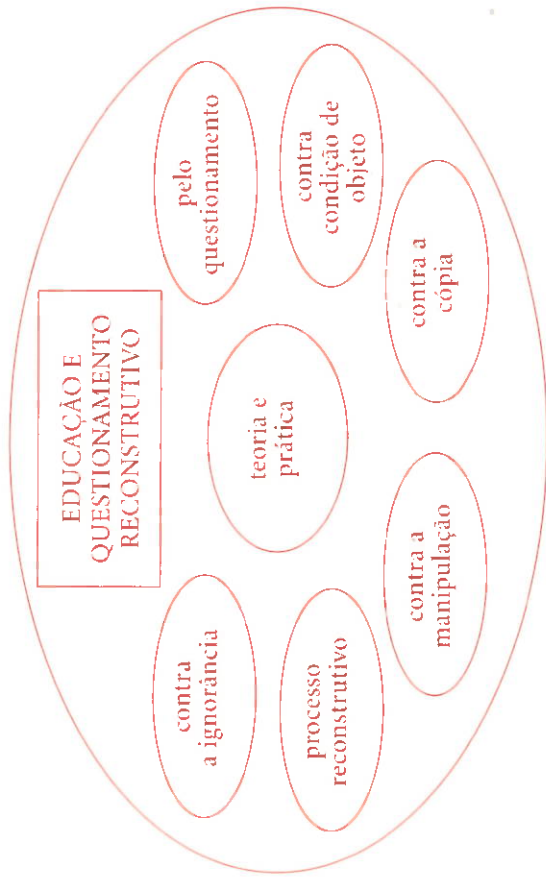


A característica emancipatória da educação, portanto, exige a pesquisa como seu método formativo, pela razão principal de que somente um ambiente de sujeitos gera sujeitos. Entre educação e pesquisa há um trajeto coincidente, que podemos assim sugestivamente codificar:

- a) ambas se postam contra a *ignorância*, fator determinante da massa de manobra; enquanto a pesquisa busca o conhecimento, para poder agir na base do saber pensar, a educação busca a consciência crítica, marca essencial de quem se sabe e sabe da realidade;
- b) ambas valorizam o *questionamento*, marca inicial do sujeito histórico; enquanto a pesquisa se alimenta da dúvida, de hipóteses alternativas de explicação e de superação constante de paradigmas, a educação alimenta o aprender a aprender, fundamento da alter-nativa histórica;
- c) ambas se dedicam ao *processo reconstrutivo*, base da competência sempre renovada; enquanto a pesquisa pretende, através do conhecimento inovador, manter a inovação como processo permanente, a educação, usando o conhecimento inovador como instrumento, busca alicerçar uma história de sujeitos para sujeitos;

- d) ambas incluem a confluência entre *teoria e prática*, por uma questão de realidade concreta; enquanto a pesquisa busca na prática a renovação da teoria e na teoria a renovação da prática, a educação encontra no conhecimento a alavanca crucial da intervenção inovadora, *aproveitando-lhe sempre o compromisso ético*;

- e) ambas se opõem terminantemente à *condição de objeto*, por ser a negação da qualidade formal e política; enquanto a pesquisa usa a transmissão de conhecimento permanente, a educação exige ultrapassar o mero ensino, instrução, treinamento, domesticação;
- f) ambas se opõem a *procedimento manipulativos*, porque estes negam o sujeito; enquanto a pesquisa supõe ambiente de liberdade de expressão, crítica e criatividade, a educação exige a relação pedagógica interativa e ética, marcada pela qualidade formativa;
- g) ambas condenam a *cópia*, porque esta consagra a subalternidade; enquanto a pesquisa persegue o conhecimento novo, privilegiando como seu método o questionamento sistemático crítico e criativo, a educação reage contra o mero ensino copiado para copiar, privilegiando o saber pensar e o aprender a aprender.



Até certo ponto, pois, pesquisar e educar são processos coincidentes. Daí segue que o aluno não vai à escola para assistir à aula, mas para pesquisar, compreendendo-se por isso que sua tarefa crucial é ser parceiro de trabalho, não ouvinte domesticado. Sem crucializar unilateralmente a aula, esta representa, como regra, a garantia de mediocridade, porque,

além de marcadamente ser, no professor, cópia, faz do aluno cópia da cópia (DEMO, 1995e). Será essencial desfazer a aula copiada como marca registrada do professor. Deverá perdurar como expediente auxiliar da pesquisa, seja para realizar introduções orientadoras, seja como tática de reordenamento do trabalho, seja como intervenção esporádica etc. Mas não será mais a marca do professor.

Esta marca deverá transformar-se no questionamento reconstrutivo, alimentado pela pesquisa como princípio científico e educativo. Hoje, professor é mero instrutor. Acha que sua habilidade é apenas a de repassar conhecimentos e procedimentos, mantendo em si e no aluno o fosso medieval do alinhamento impositivo. Por isso mesmo, qualquer um pode ser professor, bastando que transmita receitas, imponha moral e cívica, distribua conselhos e exortações, dê aula. Não se vê necessidade maior de competência. Tanto é assim, que uma parte deles é ensinada nas Escolas Normais, adquirindo apenas terminalidade de 2º grau; outra parte faz somente licenciatura curta, insinuando desde logo que pode ser curta sua profissionalização. Ao mesmo tempo, a remuneração reflete cruamente a subalternidade do professor: em vez de expressar a dignidade profissional inequívoca, luta por mínimos ou pelo mínimo.

2. A educação pela pesquisa consagra o *questionamento reconstrutivo*, com qualidade formal e política, como traço distintivo da pesquisa. Numa parte, é mister superar a visão unilateral de considerar como pesquisa apenas seus estágios sofisticados, representados pelos produtos solenes do mestre ou do doutor. Noutra parte, pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, representa sobretudo a maneira consciente e contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora. Por outra, pesquisa não é qualquer coisa, papo furado, conversa solta, atividade largada. Seu distintivo mais próprio é o questionamento reconstrutivo. Este é o espírito que perpassa a pesquisa, realizando-se de maneiras diversas conforme o estágio de desenvolvimento das pessoas. Tanto o doutor, quanto a criança na educação infantil praticam o mesmo espírito, embora os resultados concretos sejam

preliminar, mas em que cada estágio se realiza dentro de seu horizonte próprio. Tanto o doutor pode realizar uma pesquisa preliminar (malfeita, incipiente, inacabada), quanto a criança pode surpreender com extrema sofisticação (superdotada, particularmente motivada, genial).

Por “*questionamento*”, compreende-se a referência à formação do sujeito competente, no sentido de ser capaz de, tomando consciência crítica, formular e executar projeto próprio de vida no contexto histórico. Não significa apenas criticar, mas, com base na crítica, intervir alternativamente. Inclui a superação da condição de massa de manobra, ou de objeto de projetos alheios. Um dos sentidos mais fortes da educação é precisamente a *passagem de objeto para sujeito*, o que significa formação da competência (não necessariamente ou apenas competitividade). Assim, no questionamento aparece tanto a descoberta crítica, quanto a capacidade de mudar, representando ambos os momentos sinalização clara de que se supera a massa de manobra e se inicia uma rota alternativa, na qual a autonomia histórica e solidária se desenha cada vez mais e melhor.

QUESTIONAMENTO

FORMAÇÃO DO SUJEITO COMPETENTE

Por “*reconstrução*”, compreende-se a instrumentação mais competente da cidadania, que é o conhecimento inovador e sempre renovado. Oflerece, ao mesmo tempo, a base da consciência crítica e a alavanca da intervenção inovadora, desde que não seja mera reprodução, cópia, imitação. Não precisa ser conhecimento totalmente novo, coisa rara, aliás. Deve, no entanto, ser reconstruído, o que significa dizer que inclui interpretação própria, formulação pessoal, elaboração trabalhada, saber pensar, aprender a aprender (GROSSI & BORDIN, 1993; BASTOS & KELLER, 1992).

RECONSTRUÇÃO

COMPETÊNCIA DO CONHECIMENTO INOVADOR

Na criança que, brincando, tudo quer saber, pergunta sem parar, mexe nas coisas, desmonta os brinquedos, aparece o mesmo espírito, embora não seja o caso esperar algo formalmente elaborado. De fato, a

criança é, por vocação, um pesquisador pertinaz, compulsivo. A escola, muitas vezes, atrapalha esta volúpia infantil, privilegiando em excesso disciplina, ordem, atenção subserviente, imitação do comportamento adulto, como se lá estivesse para escutar e fazer o que os outros lhe mandam. Isto também faz parte, mas é a menor parte. Um profissional competente não perderia a ocasião de aproveitar esta motivação lúdica para impulsionar ainda mais o questionamento reconstrutivo, fazendo dele processo tanto mais produtivo, provocativo, instigador e prazeroso (DEHEINZELIN, 1994; GROSSI, 1990a, 1990b, 1990c; LIMA, 1987; SINCLAIR, 1990).

É claro que, em estágios ulteriores, que geralmente chamamos de “superiores”, deve aparecer a elaboração formal cada vez mais codificada, o que torna a aula meramente expositiva, por exemplo, um expediente atrasado. Na verdade, é fundamental que se passe de objeto a sujeito, implicando a participação plena do aluno, que, no fundo, deixa de ser aluno, para tornar-se parceiro de trabalho. Nesses estágios ditos superiores não é raro encontrarmos didáticas ostensivamente repressivas, que não fazem mais que ensinar a copiar. Também aí é facilmente possível atrapalhar o aluno, inclusive na universidade e na pós-graduação.

Ademais, é sempre fundamental ressaltar o compromisso com qualidade formal e política, seja para não ficarmos apenas com o conhecimento, como se educação a ele se reduzisse, seja para não ficarmos apenas com mobilização ideológica, como se educação devesse pré-formar as consciências. Todo processo emancipatório carece de ambas as dimensões, matricializadas organicamente, perfazendo, não um todo raso, mas hierarquicamente composto de meios (conhecimento inovador) e fins (cidadania e ética).

3. Questão absolutamente fundamental é tornar a pesquisa o ambiente didático cotidiano, no professor e no aluno, desde logo para desfazer a expectativa arcaica de que pesquisa é coisa especial, de gente especial. Por conta desta crença frívola, o professor também não se entende por pesquisador. Acha que pesquisador é um ser complicado, que faz coisas complicadas, que ele mesmo não estaria à altura de fazer. Foi treinado dentro do método da aula copiada, e só sabe dar aula copiada. Quanto ao aluno, a ideia de o fazer pesquisar pareceria um espanto, uma fantasia, uma megalomania, uma extravagância.

PESQUISA COMO
ATITUDE COTIDIANA

ler a realidade sempre criticamente

reconstruir processos e produtos específicos

Será útil distinguir entre *pesquisa como atitude cotidiana* e *pesquisa como resultado específico*. Como *atitude cotidiana*, está na vida e lhe constitui a forma de passar por ela criticamente, tanto no sentido de cultivar a consciência crítica, quanto no de saber intervir na realidade de modo alternativo com base na capacidade questionadora. Trata-se de ler a realidade de modo questionador e de construí-la como sujeito competente. Esta postura não pode ser vista como algo que cabe num momento e noutro não, ou em certos ambientes especiais, mas como típica atitude, que faz parte de nossa maneira de ser e ver permanentemente. O professor precisa encarnar a figura tipicamente crítica na sociedade, que a tudo sabe questionar para melhor participar. Não engole a política vigente sem perceber, não toma as relações econômicas como intocáveis, não se conforma com as mazelas de nossa democracia, alimenta sempre a cidadania organizada e crítica, busca melhorar de vida e de competência, e assim por diante. O espírito questionador também está na base da capacidade de aprender na e da vida. Por exemplo, a mão crítica aprende logo o que é, na criança que chora, necessidade real ou pura manha; o ser humano, batido pela vida, aprende a valorizar o sofrimento como parte da sabedoria; o telespectador mais questionador descobre com relativa facilidade que, na novela apenas bonita e frívola, está sendo sarcasticamente imbecilizado.

Como *resultado específico*, pesquisa significa um produto concreto e localizado, como é a feitura do projeto pedagógico, ou de material didático próprio, ou de um texto com marcas científicas. Os dois horizontes são essenciais, um implicando o outro. No segundo caso, ressalta muito mais o compromisso formal do conhecimento reconstruído, enquanto o primeiro privilegia a prática consciente. Assim, o professor precisa cultivar ambas as dimensões, ou seja, além de representar o cidadão permanentemente crítico e participativo, necessita alimentar o processo constante de produção própria, para demonstrar, entre outras coisas, que não é criatura de ideias alheias, secretário de outras doutrinas, laçoi de outros projetos, mas que tem capacidade sempre renovada de ocupar espaço próprio e solidário.

4. Tomamos educação como o processo de formação da *competência humana histórica*. Entendemos por competência a condição de não apenas fazer, mas de *saber fazer* e sobretudo de *refazer permanentemente* nossa relação com a sociedade e a natureza, usando como instrumentação crucial o conhecimento inovador. Mais que fazer oportunidade, trata-se de *fazer-se oportunidade*.



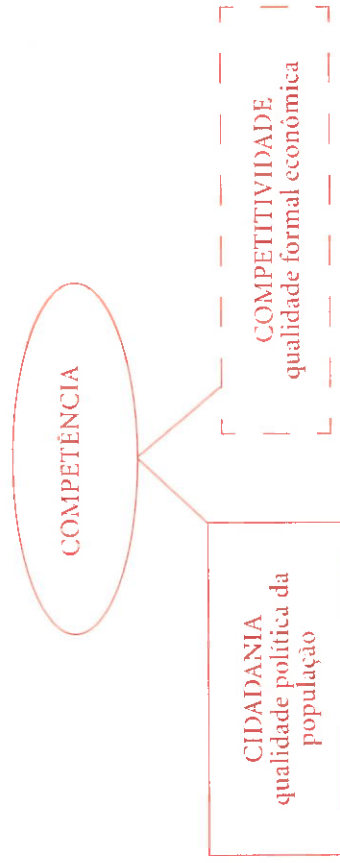
Competência não é apenas executar bem, mas caracteristicamente refazer-se todo dia, para postar-se na frente dos tempos. É a forma inovadora de manejar a inovação. Por isso vive literalmente do questionamento reconstrutivo, que é a maneira de todo dia se questionar e se reconstruir. O conhecimento só pode ser inovador, se, antes de mais nada, souber inovar-se. Todo processo de questionamento reconstrutivo precisa, pelo questionamento permanente, reconstruir-se indefinidamente. É contradição abusiva questionar sem questionar-se, ou impedir que o questionamento seja, ele mesmo, questionado (HABERMAS, 1988; SIEBENICHLER, 1988).

Isto permite a emergência de um sujeito que pode fazer a história, porque maneja habilmente o instrumento principal de inovação, que é o conhecimento qualitativo. Não se pode fazer toda, nem qualquer história, mas aquela que a competência faculta, dentro das circunstâncias dadas. Um povo incompetente – não educado – malbarata seus recursos naturais ou os entrega irresponsavelmente, enquanto outro competente pode compensar a possível falta de recursos naturais com outras iniciativas embasadas no conhecimento inovador. Há países muito ricos, com renda absurdamente concentrada. Há outros mais pobres, mas bem mais democráticos².

Por outra, competência não se confunde com competitividade, embora a inclua. Em primeiro lugar, competência é atributo da cidadania, do sujeito consciente e organizado, capaz de história própria e

solidária. Em segundo lugar, fazer história própria e solidária implica o manejo adequado da instrumentação econômica, mormente porque o conhecimento também é, aí, o meio mais decisivo de inovação. A economia competitiva depende da educação qualitativa, porque o questionamento reconstrutivo representa habilidade essencial da produtividade moderna. Entretanto, a tendência do mercado competitivo é de filtrar apenas a competitividade formal, ou seja, aquela que sabe fazer e usar conhecimento inovador em termos formais, deixando de lado a cidadania. Isto é visível nas propostas de qualidade total e de reengenharia: ao afirmar, como regra, a importância da qualidade dos recursos humanos, restringe-se à qualidade formal³.

O processo educativo implica, porém, qualidade formal e política, conjugando matricialmente meios e fins.



2 Cf. Índice de Desenvolvimento Humano, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, da ONU, desde 1990. O Brasil aparece, persistentemente, como protótipo de país capitalista perverso. Teria condições muito favoráveis, economicamente falando, de reduzir a pobreza. Entretanto, tem aumentado a concentração de renda.

3 Cf. Literatura da ONU e órgãos afins: ONU, 1990 ... 1994; CEPAL/OREAL, 1992.